

## **CORPO E GÊNERO: a Revista *Capricho* e a produção de corpos femininos (Body and Gender: The *Capricho* Magazine and the production of feminine bodies)**

Silvana Vilodre Goellner<sup>1</sup>  
Márcia Luiza Machado Figueira<sup>2</sup>

**Resumo:** Este texto discute a construção do corpo feminino, mais especificamente, a construção da identidade de gênero feminino produzida e/ou veiculada pela revista *Capricho*, considerada, aqui, como um produto da mídia cujas imagens e textos falam às adolescentes deste tempo. Fundamentado no campo teórico dos Estudos Culturais e na História do Corpo, a pesquisa aborda três temas: saúde, beleza e moda. Temas esses que emergiram da própria revista, uma vez que ela está a falar deles o tempo todo. Decorrente das análises realizadas é possível afirmar que a *Capricho*, como parte integrante de uma pedagogia cultural, educa as garotas no que diz respeito à construção de um corpo jovem, moderno, saudável e feminino. Um corpo que ao ser visto sustenta um *look* feminino. O *look* produzido pelas suas páginas e para o qual a garota deve investir diferenciados esforços, seja na aquisição de um jeito atlético e saudável de ser, seja na valorização da magreza e, ainda, na composição de um estilo baseado nos *hits* da moda.

**Palavras-chave:** gênero, corpo, pedagogia cultural.

**Abstract:** This paper discuss the construction of the feminine body, more specifically, about the construction of the identity of feminine gender produced and/or conveyed in the *Capricho* magazine, considered as a media product whose images and texts speak to adolescents of our time. Based on the field of Cultural Studies and History of Body the research emphasises three themes: health, beauty and fashion. These themes emerged from the magazine once it speaks about them all the time. From the analyses realised it's possible to state that *Capricho*, as part of a cultural pedagogy, educates girls to the construction of a young, modern, healthy and feminine body. A body that when being seen has a feminine style. The style is produced by its pages and the girls must invest in making different efforts like the acquisition of an athletic and healthy way of life, the valorisation of thinness as well as the composition of a style based on fads.

**Key-words:** Gender, Body, Cultural Pedagogy

Pensar a identidade de gênero como algo que se constrói ao longo de nossa existência e que, portanto, não é dada a partir de nossa materialidade biológica pressupõe entender que essa é uma identidade produzida na e pela cultura. É pensar, sobretudo, que a expressão gênero, ainda que possa ser observada a partir de diferentes olhares (marxista, estruturalista, psicanalítico, feminista radical, pós-estruturalista, entre outros) refere-se, fundamentalmente, à construção social do sexo evidenciando, portanto, que masculinidade e feminilidade são construções sociais e históricas.

Como uma categoria analítica “gênero”, permite refletir sobre o caráter relacional dos sexos, evidenciando, sobretudo, que não é apenas o sexo biológico que estabelece diferenças entre homens e mulheres mas, também, aspectos sociais, históricos e culturais. Desestabiliza, portanto, a noção da existência de um determinismo biológico cuja noção primeira afirma que homens e mulheres constroem-se masculinos e femininos pelas diferenças corporais e que essas diferenças justificam determinadas desigualdades, atribuem funções sociais, determinam papéis a serem desempenhados por um ou outro sexo.

Este conceito de gênero encontra seu suporte teórico nas abordagens feministas pós-estruturalistas que, baseadas nas teorizações de Michel Foucault e Jacques Derrida, privilegiam a centralidade da linguagem como um local de produção das relações que a cultura estabelece entre corpo, sujeito, conhecimento e poder. Nesse sentido, o conceito de gênero engloba, ainda, as formas de construção social, cultural e lingüística que estão implicadas nos

---

<sup>1</sup> Professora Doutora da Escola de Educação Física da UFRGS. Coordenadora do GRECCO – Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo e coordenadora do CEME – Centro de memória do Esporte.

<sup>2</sup> Mestre em Ciências do Movimento Humano ESEF-UFRGS. Pesquisadora do GRECCO – Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo.

processos de diferenciação entre mulheres e homens, levando em consideração, portanto, que as instituições, as leis, as políticas, as normas, enfim, os processos simbólicos de cada cultura, ao mesmo tempo que são constituídas por representações de masculinidade e feminilidade, produzem essas representações ou, ainda, as ressignificam (Meyer, 2000).

Pensar, portanto, a produção de identidade de gênero remete a pensar, também, na construção de corpos masculinos e femininos e nas marcas que neles se inscrevem. Afinal, o corpo não é universal: é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações<sup>3</sup> que criam sobre os corpos, os discursos<sup>4</sup> que sobre ele produz e reproduz, as marcas que o identificam.

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas, sempre à descoberta e a serem descobertas. O corpo é o que dele se diz, isto é, o corpo é construído, também, pela linguagem. Ou seja, a linguagem não apenas reflete o que existe. Ela própria cria o existente e, com relação ao corpo, a linguagem tem o poder de nomeá-lo, classificá-lo, definir-lhe normalidades e anormalidades, instituir, por exemplo, o que é considerado um corpo belo, feminino, jovem e saudável. Representações estas que não são universais nem mesmo fixas. São sempre temporárias, efêmeras, inconstantes e variam conforme o lugar/tempo onde este corpo circula, vive, se expressa, se produz e é produzido. E também onde se educa, porque diferentes marcas se incorporam ao corpo a partir de distintos processos educativos presentes na escola, mas não apenas nela, visto que há sempre várias pedagogias em circulação. Filmes, músicas, revistas e livros, imagens, propagandas são também locais pedagógicos que estão, o tempo todo, a dizer de nós, seja pelo que exibem ou pelo que ocultam. Dizem também de nosso corpo e de nossa identidade de gêneros, por vezes, de forma tão sutil que nem mesmo percebemos o quanto somos capturadas/os e produzidas/os pelo que lá se diz.

Partindo da compreensão de que o corpo se constrói a partir de seus elementos biológicos e da sua inserção na cultura, este texto tematiza a construção do corpo adolescente feminino contemporâneo, tendo como *corpus* de análise a *Revista Capricho*<sup>5</sup>, periódico quinzenal que circula em todo o território nacional e que fala dos cuidados com o corpo, dando ênfase à atividade física, à beleza e à moda. Fala, portanto, da construção de uma identidade feminina de gênero visto que *Capricho* exerce uma pedagogia que, de certa forma, está a educar adolescentes no

---

<sup>3</sup> O termo representação é aqui entendido como um modo de produção de significados na cultura. Processo esse que se dá pela linguagem e implica, necessariamente, relações de poder. “Representação, nessa perspectiva, envolve as práticas de significação e os sistemas simbólicos através dos quais estes significados – que nos permitem entender nossas experiências e aquilo que nós somos – são construídos” (MEYER, 1998, p. 20).

<sup>4</sup> Discurso é aqui entendido a partir do sentido que Michel Foucault atribuiu a este termo quando afirma referir-se a um conjunto de enunciados de um determinado saber articulados entre si. Saberes estes que são historicamente construídos em meio a disputas de poder (Foucault, 1995).

<sup>5</sup> Criada em 1952, a *Capricho* é considerada a primeira revista feminina dirigida ao público adolescente. Sua tiragem atual é de 250 mil exemplares por edição sendo que mais de 60 mil se destinam aos assinantes e 120 mil são vendidos em bancas e supermercados. Uma importante informação é a de que, na atualidade, 60% das páginas da *Capricho* são destinadas a editoriais e reportagens enquanto 40% são para publicidade. Por centrar a discussão deste texto na produção do corpo adolescente feminino contemporâneo, minha análise está referenciada em todas as edições da *Capricho* publicadas nos anos de 2001 e 2002 totalizando, portanto, 48 edições e 4 encartes.

que diz respeito a construção de um corpo e de um jeito feminino de ser<sup>6</sup>. Ou seja, como uma instância pedagógica, esta revista produz conhecimentos e saberes sobre o corpo, pois figuram nas suas páginas vários conselhos e recomendações que apontam caminhos e atitudes a serem seguidos, depoimentos de personalidades tomadas como exemplos, anúncios que vendem distintos produtos específicos... enfim, nas suas páginas ensina-se como ser uma adolescente bonita, atraente e feminina.

Essa constatação permite afirmar que a educação ocorre em uma variedade de locais sociais, incluindo a escola, mas não se limitando a ela. Para Henry Gyroux e Peter McLaren:

existe pedagogia em qualquer lugar em que o conhecimento é produzido, em qualquer lugar em que existe a possibilidade de traduzir a experiência e construir verdades, mesmo que essas verdades pareçam irremediavelmente redundantes, superficiais e próximas ao lugar-comum (GIROUX; MACLAREN, 1995, p. 144).

Observando a *Capricho*, é possível identificar que lá estão estampadas diferentes representações de corpo e de feminilidade. Suas páginas mostram que, na sociedade contemporânea, o corpo é o local de construção das identidades, pois nele se inscrevem marcas que falam às garotas e que, ao mesmo tempo, as posicionam em relação a si mesmas, aos outros/as, ao mundo onde vivem. Cabe ressaltar: estas representações não são apenas veiculadas pela revista, mas também, são nela produzidas através dos diferentes saberes que circulam nos textos e imagens que falam de diferentes práticas sociais como, por exemplo, as de embelezamento, de condicionamento físico e de saúde. Práticas estas que produzem efeitos e instituem verdades, excluindo e incluindo, em diferentes locais sociais, corpos, sujeitos e grupos.

Essa afirmação faz ver que a *Capricho* é, junto a tantas outras, uma instância a constituir identidades femininas. Digo constituir porque, à luz do campo de estudos em que esse texto se fundamenta, é possível afirmar que não há uma identidade feminina fixa. Ela é criada e representada de diferentes formas, em diferentes grupos sociais, religiões, etnias, etc. Em outras palavras, podemos pensar que o tempo vivido pelas garotas e o tempo que elas provavelmente ainda viverão, são também aprendidos nas representações que são produzidas sobre seus corpos e sobre sua feminilidade.

Com relação à *Capricho* é possível verificar que ela se propõe a informar<sup>7</sup> a menina sobre tudo o que ela deve saber para se considerar uma adolescente de seu tempo, sendo que a adolescente para quem e de quem fala, é a branca, de classe média e heterossexual. São garotas para quem os rumores sobre o viver a adolescência já se iniciam na família, na escola, nos grupos de amigos, nos clubes e em diferentes espaços de convivência social e para as quais são endereçadas<sup>8</sup> mensagens prescritivas a produzir um determinado modo de conceber o seu corpo.

É pertinente afirmar que a *Capricho* toma para si um importante papel pedagógico, pois está frequentemente ensinando algo às leitoras, desde os editoriais de moda que mostram que roupas usar até os vários programas de atividades física recomendados por profissionais e artistas, acompanhados de orientações de dietas alimentares e dicas de beleza e comportamento. Estes saberes a serem ensinados aparecem de diferentes formas nas

---

<sup>6</sup> Os referências teóricos que subsidiam este texto estão ancorados nos campos investigativos dos Estudos Culturais e História do Corpo, em especial, naqueles autores/autoras que analisam as relações que se estabelecem entre história, corpo, cultura, conhecimento e poder.

<sup>7</sup> Sempre que nos referirmos à fala da *Capricho* estamos nos referindo à fala das pessoas que conformam seu corpo editorial visto que a *Capricho* não é uma entidade abstrata, um algo em si.

<sup>8</sup> Relativo a modos de endereçamento, termo cunhado por Eizabeth Ellsworth que trabalha com este conceito no cinema e na televisão, afirmando que estes modos constituem estratégias bastante complexas de interpelar alguém, um certo público, como se literalmente assim acenasse: “Ei, você, veja o que fiz para você, exatamente para você!” São estratégias que não se produzem de uma hora para outra. Elas têm uma longa história de “educação” dos espectadores, de formação de um público (Fischer, 2001b, p. 78-79).

diferentes seções da revista, nos editoriais, nas reportagens, nas imagens que publica e também naquelas que deixa de publicar. São textos e imagens que estão não apenas a orientar, acompanhar e informar as leitoras sobre os usos do seu corpo mas estão, sobretudo, produzindo esse corpo e a representação de feminilidade que a ele se associa.

Não podemos esquecer que o corpo está sempre mergulhado em campo político onde as relações de poder têm alcance imediato sobre ele, elas o investem, o marcam, o dirigem, o suplicam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Há aqui um saber sobre o corpo que não é exatamente a ciência de seu funcionamento, mas do controle de suas forças e esse saber e esse controle constituem o que se poderia chamar de tecnologia política do corpo (Foucault, 1988). Tecnologia essa que se encontra presente nas páginas da *Capricho* - não só nelas - e em diferentes instituições da vida cotidiana, “educando” o corpo: seu jeito de ser, se comportar, vestir, andar, aparentar, etc.

A produção da identidade de gênero feminino é, portanto, um dos temas recorrentes na *Capricho* referindo-se, fundamentalmente, aos cuidados necessários para fazer do corpo adolescente feminino contemporâneo um corpo belo, atraente, saudável, atual. As *top models*, por exemplo, são referências a falar da beleza: são exibidas de forma a revelar silhuetas longilíneas, falar de suas preferências estéticas, “glamourizar” um estilo de vida, despertar sonhos e vontades cuja centralidade na estética pressupõe uma atitude já naturalizada de que o interesse primeiro que todas as garotas sustentam se refere ao cuidado com sua aparência. Cuidado este que, na revista, é complementado pelos anunciantes da indústria da moda e da cosmetologia, parceiros imprescindíveis na conquista do idealizado *look*<sup>9</sup>. Estes discursos, aliados a outros presentes na *Capricho*, aparecem, em última instância, muito bem articulados aliando a mensagem publicitária à lógica do consumo e, por conseguinte, seduzindo as garotas, em especial, aquelas que querem estar atualizadas sobre o “mundo jovem e feminino”. Especificamente, em relação a sua aparência, vão sendo apresentadas estratégias para atender não só a um determinado padrão de beleza, mas a uma permanente busca de se ter/ser um *look*, entendido aqui como uma imagem individualizada e instantânea que deve tornar-se visível. Nas palavras de Baudrillard (2000, p. 22), “*no es: yo existo, estoy ahí, sino: soy visible, soy imagen, look, look!*”

Dito assim, o *look* que a *Capricho* valoriza parece não ser apenas o de um corpo saudável mas, ainda, uma forma publicitária e instantânea, uma performance, como bem demonstra Beatriz Sarlo (2000), ao analisar as formas através das quais o consumo vem adquirindo tamanha centralidade na cultura contemporânea. Para esta autora, a cultura do consumo gera novas aprendizagens de forma a fazer com que aprendamos um modo publicitário de falar, de vestir e de pensar, e também, nos reconheçamos através de uma estética publicitária que localiza-se para além da venda de produtos pois também é uma pedagogia que nos ensina valores. Isto é, a *Capricho* produz ensinamentos sobre a estética dos corpos, cujas decisões cotidianas não são feitas, necessariamente, de forma livre e racional. “Em vez disso, elas são codificadas e inscritas por compromissos emocionais e corporais relacionados à produção do desejo e do afeto, os quais levam, de acordo com a famosa frase de Noam Chomsky, à “fabricação do consentimento” (Steinberg, 1997, p. 112). Consentimento este, que parece ser aceito por diferentes produções culturais endereçadas à mulher quando tem como tema a construção do seu corpo, exercendo, por fim, uma forma, talvez sutil, de controle sobre o corpo feminino.

Não há dúvidas de que os textos e as imagens produzidas e veiculadas produzem, também, uma identidade de gênero o que pode ser observado, por exemplo, quando através de suas centenas de páginas, apresenta a beleza quase como sinônimo de saúde; a atividade física como um espaço privilegiado de construção do corpo; a moda

---

<sup>9</sup> *Look* - do inglês (olhar). É o estilo, a aparência final, resultado total da composição de roupas, acessórios, maquiagem, cabelo e que se percebe em uma única “olhada”. No Brasil, equivale a visual (Kalil, 1997).

como uma entidade a balizar a aparência e evidenciar comportamentos; o *look* como uma maneira de garantir um estilo pessoal e único. Enfim, são inúmeros os editoriais, as reportagens e artigos a dizer o que é ser feminina como são inúmeras, também, as imagens a mostrar atitudes e corpos que não apenas são mas retratam e produzem um jeito adolescente feminino de ser.

Com relação à saúde, a *Capricho* elege estratégias voltadas para a divulgação de práticas de promoção de saúde e qualidade de vida, principalmente nas seções que falam da atividade física e da relação desta com o gerenciamento do corpo. Ao mesmo tempo que fala às meninas sobre os cremes da cutis e do cabelo, da roupa e dos acessórios como ingredientes do embelezamento, fala também da necessidade de cultivar uma disciplina “atletica” na medida em que o desejo seja o de construir e sustentar um corpo sarado.

Uma das ênfases privilegiadas pela *Capricho*, no que diz respeito ao cuidado com o corpo e a saúde, está direcionada para a realização de atividades físicas. O importante, diz a revista, não é apenas movimentar-se objetivando a construção de um corpo saudável e esteticamente bonito mas, ainda, adotar um estilo de vida. Mas não é qualquer estilo: o estilo promovido é o “atletico”, produzido pela revista a partir da exposição de corpos de atletas de diferentes modalidades esportivas, exibindo seus músculos trabalhados, sua performance atletica, o colorido de suas roupas, a sua determinação nos treinos, bem como corpos de pessoas famosas que cultivam esse estilo, aderindo a diferentes práticas corporais que lhes conferem definição da massa muscular, desenvolvimento da resistência e da força, assim como tantas outras qualidades e habilidades quanto lhes forem exigidas para tal.

Nesse sentido, é possível observar uma grande proximidade entre a prática de atividade física, o estilo atletico, a beleza, e destas com a construção de uma representação de feminilidade. Há, aqui, um apelo à construção de um corpo cuja imagem reafirma as marcas do imperativo feminino da beleza magra, do corpo ideal, agora reconhecido, também, a partir da definição de seus músculos mediante sua movimentação e a exercitação utilizando-se, para tal, de todo um aparato de aparelhos e máquinas de modelar o corpo. Como bem afirma Edvaldo Couto,

A confecção de uma auto-imagem valoriza a cultura esportiva e suas técnicas de gerenciamento do corpo. Cada indivíduo a seu modo, mas também sempre de acordo com as publicações especializadas, responsabiliza-se pelo que considera boa forma e bom desenvolvimento corporal. O estilo de vida esportivo é visto como indicativo de saúde e beleza e se expande sob a promoção dos músculos e do amor pelo esbelto (COUTO, 2001, p. 50).

A *Capricho*, ao colocar em destaque esse corpo que será visto e admirado através da sua boa forma, entende que os cuidados com a saúde devem ser traduzidos como investimentos necessários para a aquisição da beleza que, por sua vez, está associada ao vigor físico e à juventude - exemplo de um corpo feminino saudável.

As informações sobre o controle do corpo são veiculadas, nas suas páginas, de forma leve, divertida, colorida e moderna. São desenhos, fotografias, pequenas dicas que apresentam, por exemplo, a quantificação das calorias de diversos novos produtos alimentares com baixas calorias, os aparelhos e acessórios de última geração utilizados nas academias, os lançamentos de roupas apropriadas para a exercitação do corpo, os testes a lhes dizer acerca da prática esportiva que lhe corresponde. Enfim, nesse universo repleto de imagens coloridas e alegres, há também um texto cuja leveza se traduz em uma escrita que possibilita uma leitura fácil porque possui uma linguagem bem próxima a das leitoras, cheia de jargões e gírias, educando, dessa forma, para aquilo que comunica.

Estes textos, geralmente curtos e objetivos, acabam por educar, também, o olhar. Quer dizer, a adolescente aprende a olhar para o seu corpo e vê-lo a partir de alguns conhecimentos da medicina, da nutrição, da biologia e da fisiologia. E, também, a partir dos padrões estéticos que são construídos por este tempo e esta cultura, ensinando-lhes sobre o corpo que é preciso ter. E este não é qualquer corpo: é um corpo que deve se aproximar e atender às escalas de pesos e medidas; é o corpo passível de, a todo momento, ser comparado a outros e, por conseqüência,

ser classificado dentro do que considera normal, feminino e ideal. Cabe ressaltar: estas práticas são reforçadas constantemente não só nas páginas da *Capricho*, mas em diversos outros espaços onde circulam informações sobre saúde, atividade física e beleza de forma a parecer absolutamente natural o universo comparativo das medidas.<sup>10</sup>

Decorrente desta ênfase biológica conferida ao corpo e da forma matematizada com que é medido, pesado, avaliado e hierarquizado é possível perceber a existência de uma forma de apresentá-lo e representá-lo onde impera a sua fragmentação. A sua análise é feita, sobretudo, através de seus segmentos, do detalhe de seus músculos, em especial, quando a ênfase situa-se no aperfeiçoamento físico seja objetivando o rendimento esportivo ou fins estéticos.

O corpo fragmentado é evidenciado em diferentes situações na *Capricho* e sobre ele a *Revista* tece conclusões, indica especialistas para “*turbiná-lo*”, faz indicações em relação a pequenos e grandes reparos, enfim, distribui conceitos e dicas para melhorar a condição física e também a saúde e a beleza dos leitores/as. A metáfora da máquina, cujas partes constituem um sistema, ainda que não explicitado em palavras, é recorrente em diferentes situações, principalmente, quando são apontados alguns defeitos a serem corrigidos. Como afirma Alexandre Vaz, “a imagem da máquina sustenta e reforça a idéia do rendimento” (1999, p. 103). Ao olhar para o corpo com essa lente do rendimento e da funcionalidade de partes que precisam se ajustar, para que o tempo e as atividades possam gerar economia de esforço, observamos que a consciência mecânica do corpo, de certo modo, predomina, sendo importante não só para o desenvolvimento do esporte, como também para a estruturação de um pensamento esportivo e de uma sociedade esportivizada, onde corpo e máquina constantemente se confundem (Ibid., p. 104).

Corpo-máquina que ao ser turbinado não pode deixar de ser gracioso visto que ao tecer recomendações acerca de diferentes práticas esportivas recomendadas para as leitoras, a *Capricho* não deixa de mencionar que a valorização da feminilidade deve estar acima de seus méritos esportivos. Vejamos:

**Danielle Estrella**, 25 anos, chega para a entrevista com uma bolsa Louis Vuitton e **Aline Estrella**, 16, sua irmã, com uma Tommy Hilfiger. As duas devidamente maquiadas, escovadas e adornadas por argolas e ouros. E o que fazem elas de quimono na foto? É que as duas lutam jiu-jitsu. Danielle é campeã brasileira em equipe e medalha de prata no mundial. Aline treina há um ano. São mais duas na lista de 300 meninas filiadas à FESP – Federação do Estado de São Paulo de Brazilian Jiu-Jitsu (em 1997 eram só 70 meninas). “Você fica com o corpo legal, se diverte, aprende a se defender e ainda vive num ambiente ótimo para paquerar”, diz Aline. Um conselho para quem quer começar? “Experimente levar junto uma amiga”, diz Danielle (CAPRICHOS n.º 904, 2002, p. 75).

Mais do que falar da vida esportiva das atletas - uma delas com projeção internacional - a *Revista* ressalta características de sua feminilidade: a maquiagem, os adornos, o corpo, a *griffe* dos acessórios, a possibilidade de, no ambiente esportivo, flertar com o sexo oposto. Essa representação de feminilidade aparece, também, em outras instâncias de produção cultural onde, não raras vezes, a mulher atleta é apresentada de forma a ressaltar que, apesar de ter projeção em um universo tido como masculino, ela preserva no seu corpo atributos de sua beleza e de sua feminilidade<sup>11</sup> (Hartmann-Tews e Rulofs, 2001).

<sup>10</sup> Sobre esse tema ler Ana Márcia Silva, *Corpo e diversidade cultural*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, vol. 23, n. 1, 2001.

<sup>11</sup> Margareth Duncan analisou fotografias publicadas por revistas esportivas européias onde apareciam atletas olímpicos masculinos e femininos durante o período de 1984 e 1988. Tal análise lhe permitiu afirmar que as mulheres, não raramente, eram apresentadas como objeto a despertar desejo sexual visto que as fotos são geralmente feitas de baixo para cima, com o foco da câmara direcionado para partes específicas dos seus corpos (seios, coxas e pernas) cujo rosto, em geral, apresenta uma expressão de complacência e condescendência. A autora afirma que esta representação do corpo das atletas é realizada através da utilização de uma técnica fotográfica muito semelhante às utilizadas em várias revistas pornográficas. Ressalta, ainda, que essa mesma técnica não é utilizada quando o atleta é do sexo masculino, geralmente fotografado em movimento, exibindo sua performance esportiva (Duncan, 1990).

E aqui, outra vez, a *Capricho* segue eficiente no seu propósito “educativo”, distribuindo suas receitas de bem viver e de estar em forma. É preciso ressaltar, ainda, que ao falar dos cuidados do corpo para as suas leitoras, a *Revista* toma como certa a idéia de que toda mulher tenha ou deva acalantar o desejo de possuir um corpo que seja identificado com aquele corpo por ela exibido, ou seja, de músculos rijos e definidos. Corpo este fruto da dedicação e da força de vontade de quem empenha-se para modelá-lo, gerido pelo controle da alimentação, pela dedicação ao exercício, pela adesão às máquinas e, sobretudo, em sintonia com o momento atual onde é absolutamente evidente a vigilância contra a gordura e a flacidez dos músculos. Como escreve Edvaldo Couto:

Na construção da aparência despótica, a tecnologia que promove os músculos se consolida no culto ao suor. Por intermédio de aparelhos e máquinas mecânicas ou com possibilidades eletrônicas, a obsessão pelos músculos é similar à paixão regenerativa da pele, ao amor pelo liso, esbelto e jovem, forte e potente. Aqui, toda a metamorfose física é possível: queimar as gorduras e eliminar a flacidez são as novas necessidades (COUTO, 2001, p. 52-53).

A ênfase no estilo atlético evidencia que cada garota deve aprender a cuidar da sua saúde, a se responsabilizar pelo seu embelezamento, pela construção de sua feminilidade e pelo próprio bem estar. Evidencia, sobretudo, a quase inexistência de fronteiras delimitadas a separar as representações de um corpo considerado bonito da de um corpo considerado saudável. Ou seja, saúde e beleza são apresentados quase como sinônimos. Na valorização do jeito ativo de ser, a revista faz ver que cabe a cada garota cumprir com a sua parte pois as informações estão disponibilizadas para quem delas quiser fazer uso. Aliás, essa é uma função que a própria revista clama para si, ao afirmar que sua missão “é informar, emocionar, divertir, apoiar e orientar a menina enquanto ela caminha para o mundo dos adultos” (Miranda, 2002, p. 1).

Formar a adolescente feminina é, também, ensiná-la a perceber que o sucesso e a responsabilidade para viabilizar e concretizar o empreendimento de construir um corpo aceito e valorizado pelos padrões culturais de seu tempo vai depender de seu esforço pessoal; de sua vontade, disciplina e auto-controle e determinação. Enfim, conhecidas todas as ferramentas para esculpi-lo, o resultado vai depender dela. Só dela.

De todas as práticas auto-reguladoras destinadas à aquisição da beleza, a alimentação talvez seja aquela onde a revista acredita residir o grande desafio, visto que, a todo momento, são apresentadas milhares de possibilidades de consumo de alimentos. Resistir a eles é mesmo uma provação, proclama a *Capricho*, e por assim entender não mede esforços para educar as garotas a não sucumbir às tentações, utilizando-se, para tanto, de diferentes estratégias e abordagens. Chama a atenção o volume de textos e imagens que fornecem dicas, recomendações, conselhos sobre como cuidar do corpo tendo como objetivo torná-lo magro, destituí-lo de gordura e mantê-lo “em forma.” É latente a mensagem dirigida à leitora cuja ênfase está no que Claude Fischler (1995) denomina de “lipofobia”, ou seja, uma obsessão pela magreza e uma quase maníaca rejeição à obesidade.

Cabe ressaltar: a *Capricho* educa pelo que exhibe e também pelo que silencia. Não só não aparecem garotas obesas ou corpulentas nas suas páginas, como também a ênfase conferida pela revista está centrada no incentivo à perda de peso, à adesão a diferentes dietas, fazendo com que o controle da alimentação faça parte do controle de corpo adolescente feminino e, por que não dizer, de seus gestos, atitudes, comportamentos e identidades. Nesse sentido é possível afirmar que as opções disponibilizadas às meninas são aquelas que suas páginas oferecem como sendo opções e estas direcionam-se para a escolha das atividades físicas a serem feitas, dos alimentos a serem consumidos ou evitados, das formas de controlar o peso, das tabelas através das quais vai se identificar, dos modelos a inspirar a construção de seu corpo. A revista não coloca em questão o imperativo da magreza e o silenciamento do corpo farto é revelador disto. Ou seja, o corpo “obeso”, “gordo”, “opulento”, “fofo” ou qualquer denominação que

apresentar não aparece nas suas páginas, no entanto, é dele que se fala o tempo todo: o corpo antítese do que se quer afirmar.

Características de uma sociedade de abundância que considera a gordura “ruim” e a obesidade “vulgar”, a estética da magreza é imposta pelo sistema da mídia, que intima as mulheres a seguir dieta e fazer ginásticas sempre novas: aeróbica, aeroginástica, antiginástica, *energic dance*, *gym tonic*, musculação, alongamento, aeróbica turbo, etc.. Esse culto do próprio corpo exige sacrifício: em primeiro lugar financeiros (proporcionalmente, gasta-se menos em roupas e mais para “manter” a aparência); a seguir éticos, visto que os meios de comunicação nos repetem “a pessoa tem o corpo que merece”, o que leva a um novo sentido de responsabilidade. Este corpo a ser produzido, desnudado, na praia, deve estar de acordo com os cânones do momento (VINCENT, 1992, p. 311-312) [grifos do autor].

Uma das formas através das quais a *Capricho* educa suas leitoras para o controle do seu corpo está ancorada na recorrência exagerada às quantificações. A todo o tempo ensina a medir, pesar, calcular, atribuir parâmetros numéricos não apenas aos alimentos que ingere ou pretende ingerir, mas às atividades de movimento que realiza. Mais do que medir, é clara a intenção de classificar como equilibrados ou não os usos do corpo, seja pela ingestão de alimentos, seja pelo gasto de energia. Classificação essa estabelecida a partir de valores universalmente determinados e aceitos como referência para medir “normalidades”.

Representativa desta constante atribuição numérica através da qual se olha o corpo, são as tabelas que averiguam o peso e altura, verificando, a partir destes dados, a composição corporal do indivíduo. Pensadas e criadas a partir de conhecimentos das ciências biomédicas, estas tabelas não admitem a existência de diferenças culturais, étnicas e de classe social. Diferenças estas que não apenas conferem olhares diferentes aos corpos e aos seus usos mas inclusive aos seus tamanhos.

Ana Márcia Silva, ao discutir a freqüente utilização de tabelas padronizadas de peso e altura pela área denominada de Medicina do Esporte, afirma serem estas originárias dos Estados Unidos, desenvolvidas desde o final do século XIX, a partir dos dados coletados por companhias seguradoras tendo como referência homens e mulheres economicamente ativos. Segundo a autora, as equações provenientes destes estudos, de uma forma, geral eram aplicadas à populações específicas, semelhantes aquela da qual as equações eram originárias. Critério este que sofre modificação a partir dos anos noventa do século XX, quando novos estudos propõem equações a serem generalizáveis a variadas populações, com diferentes composições corporais e idades, “indicando a interiorização de uma tendência à hegemonia de uma certa expectativa corporal que estaria se difundindo pelo mundo e que, entre outras coisas, caminha para a estética da magreza e do *body building*” (SILVA, 2001c, p. 21) [grifo da autora].

A *Capricho* não escapa à lógica da quantificação. Ao contrário: grande parte dos textos e das imagens que publica a reforçam. Quantificar o corpo e seus usos não é uma exigência recente quando se trata do embelezamento feminino. Nem mesmo se restringe a esse objetivo. Há muito tempo são recorrentes as metrificações, as classificações, as medições do corpo objetivando classificá-lo, e quando identificados, corrigir seus supostos defeitos.

Para além das tabelas de composição corporal, é pertinente ressaltar que a ciência do século XIX debruçou seu olhar sobre o corpo humano, elaborando outras classificações que têm como ponto de partida diferentes medidas e quantificações. Neste período, despontaram algumas teorias que, utilizando-se do discurso científico, analisaram os indivíduos a partir de suas características biológicas, ou seja, da forma e da aparência do seu corpo. Não apenas os analisaram mas lhes conferiram diferentes lugares sociais. A fisiognomonia<sup>12</sup>, a frenologia<sup>13</sup>, entre outras são frutos deste raciocínio.

---

<sup>12</sup> Ciência que pretendia analisar o caráter da pessoa a partir de seus traços fisionômicos.

Essa mesma ciência que classifica e analisa o corpo no seu detalhe é aquela que vai legitimar uma educação do corpo objetivando torná-lo útil e produtivo. Com base neste pensamento está a crença - emergente desde a revolução industrial - de que o corpo é uma máquina produtora de energia.

Vários são os estudos históricos<sup>14</sup> que registram a aplicação dos princípios das leis da termodinâmica à construção de um modelo de corpo que, a partir dessa referência, passa a ser visto tal qual uma máquina de produzir energia. Ao discutir a história do corpo, Denise Sant'Anna (2001), evidencia que as diferentes representações atribuídas ao corpo são configuradas em diferentes tempos e espaços sociais. Com relação à aproximação entre os princípios da termodinâmica e dos usos do corpo, situa o século XIX como o propulsor desta representação afirmando-a como sendo criada por médicos, juristas e higienistas.

Aqui já não é mais o modelo mecanicista de corpo que está em voga, cuja principal metáfora é a imagem do relógio, mas o modelo da máquina energética ilustrado pelo exemplo da máquina a vapor. Nessa perspectiva, o alimento passa a ser observado como se fosse um combustível a ser queimado pelo organismo, resultando, por fim, em energia necessária à vida.

Essa representação parece manter, ainda, certas persistências no nosso século, pois várias são as orientações sobre alimentação que partem da idéia do corpo como máquina energética. Presente na *Capricho* e em diversas outras revistas dirigidas ao público feminino, há uma associação muito estreita entre ingestão de alimento, produção e consumo de energia. Nesse sentido, é possível afirmar que as mulheres ainda são educadas de forma a compreender seu corpo como consumidor de energia, cujas vantagens e desvantagens serão medidas mediante a capacidade de bem administrar a relação entre o consumo de alimento e o gasto de caloria, mediante a prática de atividade física. A idéia da combustão permanece, só que agora travestida por novas roupagens.

Ao construir, portanto, representações de beleza e de feminilidade, a *Capricho* faz com que a adolescente meça a si própria e compare-se aos padrões que elege como possíveis de serem exibidos nas suas páginas. Padrões que falam de um corpo e falam também de um jeito feminino de ser. Isso pode ser evidenciado tanto pelo silenciamento dos corpos obesos como pela constante recorrência à necessidade de esculpir os detalhes dos segmentos corporais, em especial, barriga, coxas, nádegas e braços, que, quando não identificados consoantes às representações do que seja “belo”, são vistos como “anomalias”, a exigir uma intervenção imediata voltada para a sua correção. Estas partes e algumas manifestações corporais que a *Capricho* nomeia como “defeitos” (rugos, espinhas, celulite, gordura, estria, etc) parecem ser escrutinadas de forma a fazer com que as mulheres, de maneira geral, possuam uma certa frustração com seus corpos visto que, senão todas, praticamente todas, têm em si algo diferente do que o corpo publicitário mostra e vende. O que se representa como um defeito a ser corrigido, nada mais é do que as marcas que habitam cada corpo, sua materialidade, sua conformação anatômica, muitas vezes modificada em função de critérios estéticos construídos a partir de padrões até impossíveis de realizar. Essa insatisfação, de certo modo, parece enredar a mulher nas teias da beleza como um atributo da “essência” feminina cuja permanência nessa rede se dá não pelo “fato da mulher desejar cuidar de si e da sua aparência mas, porque as representações que este mito cria (...) faz com que ela se sinta invisível ou incorreta se não atingir os padrões estipulados para seu tempo” (Goellner, 2001, p. 56).

Enredada no mito do embelezamento feminino, a *Capricho*, ao mesmo tempo que faz circular representações de beleza, que transgridem os modelos instituídos, estimulando a invenção do estilo próprio e único,

---

<sup>13</sup> Ciência que pretendia analisar o caráter e as funções intelectuais humanas baseando-se na conformação do crânio.

veicula, também, outras representações conferindo grande visibilidade ao que se convencionou chamar de um corpo bem delineado, ou seja, harmônico nas suas medidas cujas desarmonias necessitam de conserto e disfarce, seja pela prática de atividade física e pela restrição alimentar seja pela utilização de recursos advindos do campo da moda: roupas e acessórios que, quando bem utilizados, podem otimizar a aparência. Práticas estas que aparecem como ações que regulam o tempo e direcionam a energia dos corpos femininos em prol da realização do corpo belo que já não basta ser sarado e magro, mas que exige, também, ausência de rugas, protuberâncias, linhas, sinais.. Um corpo que, “ao buscar incessantemente a sua originalidade, apaga-se no coletivo desta busca, pois esta se transforma em regra” (NOVAES, 1997 apud DEL PRIORI, 2000, p. 91).

Regra esta estabelecida por cada cultura e que, de certa forma, serve como um espelho a projetar imagens-reflexos. Imagens que não são sempre as mesmas, pois tanto quanto são transitórias as identidades de cada pessoa são também as formas de seu corpo. Quer dizer: mesmo que hoje seja central a preocupação com a aparência, as intervenções no corpo para torná-lo belo, são preocupações que acompanham o ser humano por todo o seu processo civilizatório. As tatuagens, adereços e pinturas corporais dos chamados “povos primitivos” e mais contemporaneamente os medicamentos, os cosméticos, a ginástica, as cirurgias plástica, o uso disseminado de tatuagens e *piercings* são demonstrativos dessa afirmação.

Isso nos leva a perceber, como o faz Chris Schilling (1997), que o corpo é um projeto. Mais especificamente: pode ser projetado, conquistado. Como projeto o corpo exige contínuos investimentos: “próteses, pinturas, aromas, adornos, roupas, tatuagens, implantes, cosméticos.” (LOURO, 2001, p. 91) Investimentos direcionados, também para a aquisição e manutenção da saúde, da boa forma e da beleza e de um ideal de feminilidade.

O corpo também não é mais uma intimação a uma identidade intangível, ou seja, uma encarnação irredutível do sujeito, ou seu estar no mundo. Hoje o corpo é uma construção, um terminal, um objeto transitório e manipulável, suscetível a muitas aparências (LE BRETON, 2001, p. 21).

Fazer do corpo um projeto exige vigilância. Razão pela qual, a leitora não pode descansar, deve estar sempre atenta e sempre investindo na sua beleza. Ou seja, já “não há mais um momento especial para se fazer bela já que todos os momentos devem ser conjugados com o trabalho sobre si mesmo de conquista da beleza e de prevenção da feiura” (SANT’ANNA, 1995, p. 130). Para a mulher, beleza, necessariamente, implica dedicação, em especial neste tempo presente onde a aparência revela a identidade.

Essa afirmação me remete a pensar no que diz Gilles Lipovetsky (2000), ao afirmar que a democratização do conceito de “belo sexo”<sup>15</sup>, a partir do século XX, conta não só com a produção industrial em grande escala dos produtos de beleza, mas também com um novo sistema de comunicação e promoção das normas estéticas: a imprensa e a mídia.

Em função do desenvolvimento da cultura industrial e midiática é que produtos e práticas de embelezamento, passam a ser acessíveis a um número cada vez maior de mulheres. Essa crescente difusão dos cuidados para com o rosto e com o corpo, assim como das normas e imagens estéticas do feminino, chegam ao cotidiano de um grande

<sup>14</sup> Richard Sennet, Alain Corbin, Georges Vigarello são alguns dos autores a abordar essa temática em suas pesquisas.

<sup>15</sup> Para o autor o sexo feminino é designado de “belo sexo” em função da relação histórica que se construiu acerca da beleza e da feminilidade, diferentemente do construído para o sexo masculino e sua relação com a virilidade. Para ele o “belo sexo” é “um fenômeno inteiramente histórico, uma instituição social, um ‘construído’ cuja origem não remonta a muito além da aurora dos tempos modernos” (LIPOVETSKI, 1997, p. 102).

número de mulheres, o que por certo constitui mudanças na história do seu embelezamento. Nesse sentido, a imprensa feminina passa a se firmar e ganhar relevância. Destaca-se por divulgar e propagar a excelência das técnicas e cuidados estéticos doravante imprescindíveis à mulher moderna.

Nesta estética publicitária já não são apenas os poetas e médicos a falar da beleza da mulher, quer seja em prosa e verso, evidenciando a beleza imaculada ou sublimando amores e desejos; idealizando a perfeição ou aconselhando sobre a importância da higiene e dos remédios que curam e embelezam. Outras vezes foram se agregando às páginas das revistas endereçadas à mulher, ao mesmo tempo que foram, também, se profissionalizando, sendo a esteticista uma das primeiras a inferir conhecimentos sobre a pele, a maquiagem e os produtos de beleza. Hoje temos um leque extenso e variado de profissionais que estão presentes nestes periódicos, fazendo circular as informações e os conhecimentos que guiarão a leitora no caminho do cultivo à beleza.

Educar as mulheres a agir de determinado modo e não de outro, ensinar a se comparar e emitir julgamentos sobre seus atos, a testar seus desejos, e seus gostos; enfim, ensinar as leitoras a se acostumarem com as constantes intervenções e modificações no corpo, apropriando-se dele e o recriando, reproduzindo e interagindo com o universo presente das constantes inovações é uma das tarefas da *Capricho*. Ela ensina, também, o quanto é fundamental exercitar o autocontrole e a automodificação quando o objetivo é adequar seu corpo às representações de beleza e de feminilidade que para ele se constroem. Nas palavras da pesquisadora feminista Susan Bordo:

por meio de disciplinas rigorosas e reguladoras sobre a dieta, a maquiagem e o vestuário - princípios organizadores centrais do tempo e espaço nos dias de muitas mulheres - somos convertidas em pessoas menos orientadas para o social e centradas na automodificação. Induzidas por essas disciplinas, continuamos a memorizar em nossos corpos e sentimentos a convicção de carência e insuficiência e achar que nunca somos suficientemente boas (BORDO, 1997, p. 20).

As representações de beleza que circulam na *Capricho* valorizam, em sua grande maioria, uma idéia de que as mulheres sentem uma insatisfação permanente com o seu corpo e por isso devem aprender a investir em cuidados que lhes proporcionem a beleza necessária para atender a um padrão cujo objetivo é, entre outros, a atratividade sexual. Das muitas vezes que falamos na *Revista*, podemos dizer que há um entendimento no sentido de que é necessário estar atenta à beleza, à saúde e à moda. E, por estar enredada nessa teia de cuidados constantes para consigo e investindo sua energia nessas vivências, está se dizendo, a todo tempo, da imperfeição e de incompletude do corpo feminino. Para Mônica Schpun, “o caráter normativo desses textos encontra-se, antes, em seu esforço de dissuadir toda tentativa de construção de identidade que não obedeça às determinações corporais do trabalho sobre a beleza” (1997, p. 90).

Uma das formas de compensar esta incompletude parece residir na constante busca do aperfeiçoamento do corpo, atitude que, de certa forma, exige da mulher uma atenção às novidades apresentadas em função de novas tecnologias. Em se tratando de beleza feminina, hoje são outras as exigências que as existentes, por exemplo, há cinquenta anos atrás. E, também, outros são os recursos disponíveis bem como as condições de acessibilidade a eles, afinal, há uma quase naturalização da representação de que para ser feminina é imperativo dedicar investimentos emocionais e financeiros no cuidado com a aparência do seu corpo. E aqui, sim, é possível afirmar que a *Capricho* cumpre a sua missão!

**Referências:**

- BAUDRILLARD, Jean. *Pantalla total*. Barcelona: Anagrama, 2000.
- BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison M. e BORDO, Susan R. *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.
- CAPRICHIO, São Paulo: Editora: Abril n.º 904, 29 de dezembro de 2002.
- CORBIN, Alain. Bastidores. In: PERROT, Michele, (Org.) *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Vol.4. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- COUTO, Edvaldo S.. Gilles Lipovetski: estética corporal e protecionismo técnico nas culturas higienista e desportiva. In: GRANDO, José Carlos, (Org.) *A (des)construção do corpo*. Blumenau: Edifurb, 2001
- DUNCAN, Margaret C. Sports photographs and sexual difference: images of women and men in the 1984 and 1988 Olympic Games. *Sociology of Sport Journal*, Champaign, v. 7, n.º 1, p. 22-42, mai/apr. 1990.
- FISCHER, Rosa M. Bueno. *Televisão & Educação – Fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001b.
- FISCHLER Claude, Obeso benigno e obeso maligno. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi, (Org.) *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade I – vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- GIROUX, Henry A. & MCLAREN, Peter L. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da MOREIRA, Antônio Flávio, (Org.) *Territórios Contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes, 1995
- GOELLNER, Silvana V. Corpo Erotizado, Corpo Banalizado: representações da mulher na mídia televisiva. In: III ENCONTRO ENFOQUES FEMINISTAS E AS TRADIÇÕES DISCIPLINARES. 2001. Niterói. *Anais do III encontro Enfoques Feministas e as Tradições Disciplinares*. Niterói: UFF, 2001. p. 13-15.
- HARTMANN-TEWS, Ilse e RULOFS, Bettina. Media. In: CHRISTENSEN, Kren et alii. (Orgs.) *International Encyclopedia of women and sports*. New York: Macmillan Reference, 2001
- KALIL, Glória. *Chic: um guia básico de moda e estilo*. São Paulo: Editora SENAC, 1997.
- LIPOVESTSKI, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MEYER, Dagmar E. Gênero e Saúde: indagações a partir do pós-estruturalismo e dos estudos culturais. In: *Revista Ciências da Saúde*, v. 17, n. 1, maio-junho 1998, p. 13-32.
- \_\_\_\_\_. Educação em saúde e prescrição de “formas de ser e de habitar”: uma relação a ser ressignificada na contemporaneidade. In: FONSECA, Tânia M. G e FRANCISCO, Deise J. *Formas de ser e de habitar na contemporaneidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.
- MIRANDA, Simone. (capricho.abril@atleitor.com.br). *Capricho – Atendimento ao Leitor*. 21 fev 2002. Enviado às 12h25min. Mensagem para Márcia Luiza Machado Figueira (marfig@zaz.com.br)
- PINTO, Celi R. J. *Com a palavra o Senhor Presidente José Sarney ou como entender os meandros da linguagem do poder*. São Paulo: HUCITEC, 1989.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. (Org.) . *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Rio de Janeiro; Editora da UFRJ, 2000.
- SCHPUN, Mônica R. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Editora SENAC/Boitempo Editorial, 1999.
- SENNET, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1997
- SILVA, Ana Márcia. Corpo e diversidade cultural. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 23, n. 1, p. 87-98, set. 2001b.
- \_\_\_\_\_. O corpo do mundo: algumas reflexões acerca da expectativa de corpo atual. In: GRANDO, José Carlos, (Org.) *A (des)construção do corpo*. Blumenau: Edifurb, 2001c.

- STEINBERG, Shirley. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, Luiz Heron et al, (Orgs.) *Identidade social e a construção do conhecimento*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação, 1997.
- VINCENT, Gérard. O corpo e o enigma sexual. In: ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges, (Orgs.) *História da vida privada: da Primeira Guerra a nossos dias* Vol.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- VAZ, Alexandre. Do culto à performance: esporte, corpo e rendimento. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 21, n. 1, p. 100-107, set. 1999.
- VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.